

# A RESTAURAÇÃO

REDACÇÃO

Séde social da empresa

Rua de D. João I, 13—1.º andar  
GUIMARÃES

SEMENARIO CATHÓLICO

PROPRIEDADE DA EMPRESA DE «A RESTAURAÇÃO»

Director e administrador — Antonio Luis da Silva Dantas

ADMINISTRAÇÃO

Offeinas de composição e impressão

Typographia Minerva Vimaranesense  
Rua de Payo Galvão

## LOMBROSO

Não damos este titulo ao artigo pela grande sympathia que nos merecesse ou pelos assignalados serviços que à humanidade prestasse o homem que em vida usou o mesmo nome: mas porque, para proveitosa philosophia dos nossos leitores, queremos mostrar nelle um typo acabado de reputação creada à força, um exemplar perfeito do escravo dos preconceitos, e uma prova do que valem certas theorias chamadas scientificas.

Cesar Lombroso, médico e anthropologista italiano, nascido em 1836, foi professor de medicina legal e de clinica psiquiátrica na universidade de Turim. Mas o que lhe grangeou a maior fama foram os seus estudos originaes, ou — melhor — os seus originaes estudos sobre criminologia.

Quando, ha poucos meses, o célebre médico pagou o seu tributo à morte, as folhas maçónicas chamaram-lhe mais uma vez grande professor e criminalista, e exaltaram até às nuvens as suas maravilhosas capacidades.

Mas que fez Lombroso para merecer taes apoteoses? — Inventou um método psycho-physiológico, segundo o qual pretendia reconhecer o character da criminalidade nos individuos. E, como era judeu e livre-pensador, os maçoés acharam-lhe talento; mas o homem enganava-se em quasi todos os casos.

Um dia — ha cerca de dois annos apenas — pregaram-lhe a seguinte partida. Enviaram-lhe a photographia de duas mãos: uma era dum lavador de carruagens, a outra dum esfolador de carneiros; ambas de operários honestos e trabalhadores, photographadas com os seus estigmas profissionaes. Mas disseram-lhe que eram as mãos do célebre criminoso Soleiland, de que todos ainda se recordam.

Pois o anthropologista, examinando as mãos à luz da sua sciência, declarou doutamente que a mão direita tinha inteiramente o aspecto do que em neuro-pathologia se chama a «mão de simio», isto é, que ella apresentava os signaes do «criminoso nato». O que sendo assim, lá se ia a responsabilidade de Soleiland; e por isso Lombroso, embora julgasse normal a supposta mão esquerda do criminoso, concluiu humanamente: «Tudo isto devia dar-nos que pensar antes de pronunciar um julgamento definitivo sobre Soleiland.»

L'Eclair levou a sua crueldade para com o anthropologista, tam cego pela opinião anticipada e tam cheio de illusões, até ao ponto de desmascarar publicamente a impostura. Mas os admiradores de Lombroso impressionaram-se mais do que o próprio criminalista...

Empenhado em tirar conclusões de principios por elle mesmo arbitrariamente estabelecidos, não foi este o único caso em que Lombroso se descurou de assegurar o ponto de partida.

Um dos seus inventos mais apregoados é uma theoria da fatalidade criminal nas mulheres, fundada nos caracteres que elle julgou descobrir na collecção das mulheres criminosas photographadas pela policia francesa.

Acabaram as dúvidas: tal ou

tal estigma, descoberto no rosto e que se achasse em cada uma dellas, estabelecia claramente que todas aquellas mulheres deviam ter cedido a uma imperiosa necessidade de commetter crimes. Aos olhos de Lombroso, aquelle signal accusador revelava-se tam nitidamente como o nariz no meio da cara.

Um dia porém o snr. Goron, chefe da Segurança, procurou em suas gavetas os retratos dumas boas mulheres, excellentes mães de familia, abonadas com sérias referências, que cada anno pedem o direito de exercer o mister de vendedoras ambulantes de fructas e hortaliças; e não os encontrou. Mas a luz não tardou em se produzir no seu espirito. «Cáspite!» exclama contrariado. «Enganei-me na gaveta, e mandei a Lombroso os retratos destas excellentes mulheres, em vez de lhe mandar os das criminosas!...»

Mas era tarde! A theoria de Lombroso, fundada em tam scientificas e decisivas experiências, estava feita, e por coisa nenhuma deste mundo o sábio se desmentiria!...

Vejam os nossos leitores como se formou uma das mais celebradas reputações scientificas do mundo livre-pensador contemporâneo!

E sam umas auctoridades assim e umas theorias com taes bases as alavancas com que se pretende alufir o secular edificio da sã-philosophia e até mostrar a incompatibilidade da fé com a sciência!... E chamam a isto sciência!...

Mas vá alguém dizer aos cegos adoradores do extinto anthropologista que a sua auctoridade não excede a dos mais desequilibrados productos da imaginação! Elles, a quem a liberdade e independência de pensamento não consente que admittam os dogmas da religião abonados pela palavra de Deus, ham de continuar a ter como dogmas irreformaveis as imposturas e phantasias do livre-pensador italiano.

E quantos Lombrosos não trazem por aí o nome decantado em todos os tons, nas conversações, nos comicios, nos periódicos e nos livros, por ignorantes e embusteiros livres-pensadores de todos os matizes!...

### «Nacionalismo e Acção Catholica»

III (1)

As numerosas e graves accusações que fizemos aos taes poucos sacerdotes, em quem, aos

(1) Pela precipitação com que foi escripto o artigo aqui publicado no número passado, e impossibilidade de serem as provas revistas pelo auctor, escaparam alguns defeitos dignos de emenda: o primeiro é que, logo na cabeça do artigo, deixou de ser indicado o número de ordem, que devia ser «II»; o segundo é que na linha 22.ª da 4.ª columna se devia eliminar a vírgula que está depois da palavra «receber»; o terceiro é que as duas últimas linhas da mesma columna e as tres primeiras da seguinte deviam, para traduzir bem o pensamento do auctor, ser substituidas por estas: «outra coisa é a condemnação desses erros, imposta a outros sacerdotes ou até a simplez fieis pelo zelo da pureza immaculada dos principios, donde precisamente deriva o prestigio da classe. Esta distincção é fundamental e necessária»; o quarto é que no fim do artigo deixou de se pôr o costumeado «(continua)».

olhos do snr. Dr. Abúndio, se resume «o prestígio moral, intellectual e social do clero», foram escudadas em abundantes argumentos. E esses sacerdotes, que sam de maior idade e não têm acanhamento de escrever para público, ainda, até hoje, não lograram demonstrar a falsidade de nenhuma das nossas theses nem a inanidade de nenhum dos nossos argumentos: o que aliás seria o único meio seriamente aproveitavel para nos reduzir ao silêncio e até para nos fazer confessar publicamente que nos tínhamos enganado.

Agora o snr. Dr. Abúndio, constituindo-se accusador dos accusadores e advogado dos accusados, devia começar por fazer o que estes não fizeram, demonstrando que não sam erros os que como taes lhes foram apontados, e que todas as accusações a elles feitas não passam de «enxovalhos dos que estão constituídos na obrigação de ensinar e os outros a venerá-los e respeitá-los».

Mas vemos com magua que o illustre advogado deixou de pé, com detrimento dos seus créditos de escriptor intelligente, todas as accusações que constituem a lastimada discordância: e o seu livro, em cujo prólogo se fazem tam severas e humilhantes referências aos auctores de taes accusações, vem a ser um pesado lôgro às esperanças de quem o ler com o louvavel desejo de conhecer a verdade a respeito das mesmas accusações.

E o que dizemos dos erros apontados nestas columnas, podemos tambem repeti-lo dos que, com conhecimento nosso, têm sido escarpellados pela *Revista Catholica* e por outras publicações que do assumpto se têm occupado, apenas com excepção dum, que o snr. Dr. Abúndio tentou canonicar.

Ora, ou o illustre escriptor tinha conhecimento das accusações formuladas e sustentadas pela imprensa catholica, ou não tinha.

No primeiro caso, com que lógica pôde justificar as suas aspérrimas censuras aos auctores dessas accusações, sem primeiro demonstrar que ellas sam infundadas? E, não podendo attenuar a funesta graveza dos erros apontados, com que zelo da verdade e do prestígio do clero pretende solidarizar toda esta classe nos erros dalguns poucos transviados?

No segundo caso, sentenciaria sem conhecimento de causa: o que, alem de desabonar a sua seriedade de escriptor, mais reparavel tornaria a linguagem indelicada com que trata os adversários.

Ainda a respeito deste ponto diz o prólogo do snr. Dr. Abúndio que «foi em nome do nacionalismo, ou por causa do nacionalismo, que tantos se arregaçaram e chafurdaram na lama com que quiséram conspurcar um convento da gloriosa milicia franciscana».

Não foi bem respeitada a verdade nestas affirmações do illustre escriptor, pelo menos no que a nós se refere.

Se a memória nos não engana, foi *A Restauração* quem abriu a campanha contra os erros já tantas vezes alludidos: mas não é exacto que o fizesse «em nome do nacionalismo», nem com intenção de «conspurcar» convento

nenhum; fê-lo pelo mesmo motivo por que agora está criticando o livro do snr. Dr. Abúndio, isto é, por amor da verdade.

Logo no primeiro artigo sobre o assumpto, que serviu de prólogo a uma série dellas, dissemos, após umas razões justificativas do nosso procedimento: «Antepomos estas explicações, para mostrar que somos obrigados a fazer o que hoje, com immenso pesar e só depois de muita reflexão e conselho, vimos fazer: accusar em público uma respeitada revista catholica de publicar em suas columnas doutrina não só perigosa, mas manifestamente errônea; não uma vez, mas várias vezes; não por lapso, mas por systema; não irreflectidamente, mas apesar de maguadas advertências particulares. Essa revista é *A Voz de Santo António*. Escrevemos-lhe aqui o titulo com a mesma dor com que os verdadeiros christãos antigos (e de todos os tempos) apontavam, para prevenção dos incautos, os pastores transviados para a senda do erro». E, perto do fim do mesmo artigo, escrevemos: «Accentuamos que não acudimos própria-mente em defesa do nacionalismo; mas sim de principios superiores que a *Voz de Santo António* tem offendido com damno do nacionalismo, e até sem relação directa com o nacionalismo».

E bem confirmada foi a verdade destas affirmações pelo andamento da discussão. O que não quer dizer que julgássemos o nacionalismo indigno do nosso zelo, ou que não estivéssemos dispostos a emprehender egual trabalho em sua defesa. Mas a verdade é aquella.

Comprehendemos sim que alguém tenha interesse e empenho em reduzir toda a contenda a um caso vulgar de paixão politica: mas a verdade é outra, e deve pôr-se muito acima de semelhantes conveniências, ainda que custe. «Os verdadeiros catholicos» diremos nós com mais razão do que o snr. Dr. Abúndio «não podem recusar-se aos grandes actos da justiça, tenham muito embora de reprovar actos de valiosos companheiros de trabalho.»

(Continúa.)

### DEFESA E JURISPRUDÊNCIA ORIGINAL

Na secção deste semanário, onde se têm feito lejeira apreciação dum livro do snr. Dr. Abúndio da Silva, reparou-se que o livro fosse publicado sem a necessária approvação canónica. A propósito do nosso reparo, o illustre escriptor dirigiu ao director dum semanário o seguinte documento:

«...Snr. redactor

Acabo de receber uma carta de meu dedicado amigo, informando-me de que um jornal catholico se occupa do meu livro *Nacionalismo e acção catholica*, e pretende sustentar que a sua leitura deve considerar-se prohibida por não ter a approvação da auctoridade eclesiastica.

Rogo a V. o obsequio de me dar um cantinho da sua brilhante revista para declarar:

1.º que antes de publicar aquelle livro cumprí perante o meu Prelado todos os meus deveres de escriptor catholico e acatei rigorosamente o que sua Ex.ª Rev.ª me disse.

2.º que mais do que um Bispo por-

tuguez me escreveu felicitando-me por essa publicação, e um até me incitou a «escrever mais livros como este».

3.º que nesse livro vem a expressa declaração de que o auctor se sujeita ao juizo da Santa Madre Igreja, da qual se preza de ser filho submisso e obediente.

Pela publicação d'estas linhas muito grato ficarei e subscrevo-me

De V., etc.,  
M. ABUNDIO DA SILVA.»

ao qual accrescentou, como confirmação, est'outro:

«Porto—6—1—910

Ex.º Sr. dr. Abundio da Silva

Em resposta á carta de V. Ex.ª de 4 do corrente, com referencia ao livro *Nacionalismo e acção catholica*, declaro que, quatro ou cinco dias antes da reunião do Congresso Nacionalista do Porto, V. Ex.ª me disse que ia publicar um livro d'actualidade e para elle desejava a approvação canonica. Louvei os seus bons desejos e respondi que a commissão encarregada de rever os livros n'esta diocese não tinha tempo de examinar as provas, que aliás ainda não estavam promptas.

Foi este o motivo pelo qual o livro não foi revisto e portanto não levou o imprimatur.

Pode V. Ex.ª fazer d'esta carta o uso que quizer.

Sou de V., Ex.ª, etc.  
† Antonio, Bispo do Porto

Ficamos verdadeiramente espantados ao ver semelhante jurisprudência applicada por um especialista na matéria—como provam os titulos que adornam o frontispicio do livro —, e ainda mais ao considerar que tal coisa se publicou em defesa contra o nosso reparo.

O caso reduz-se a termos muito simplez. O snr. Dr. Abúndio, trazendo aquelles documentos a público, mostra reconhecêr: 1.º que o seu livro devia ter approvação canónica; 2.º mas que de facto a não tem. Tudo o mais que consta dos documentos nada prova para o caso.

A conclusão daquellas premissas, estabelecidas pelo douto escriptor com os documentos, é a que nós tiramos, e a que qualquer leitor tiraria, desde que conhecesse as determinações da Igreja a tal respeito.

Mas, se a jurisprudência do snr. Dr. Abúndio tivesse o alcance que elle lhe quis dar, ficavam inteiramente caducas as salutaes e sapientissimas determinações da Igreja relativas à publicação de livros.

1.º — Como ha um christão de saber se o auctor dum livro cumpriu ou deixou de cumprir os seus deveres de escriptor catholico, se se não satisfaz à prescripção de fazer constar isso do próprio livro? Por isso é que o direito impõe esta obrigação.

2.º — Quanto à segunda declaração do illustre advogado, limitamo-nos a notar que taes felicitações, devidas provávelmente a inadvertência — por não ser de nenhum modo presumivel que catholico tam illustrado offerecesse a um Bispo um livro publicado contra as prescripções da Igreja —, evidentemente não suppremam a falta da approvação exigida pelo direito. E até não nos parece de nenhum modo louvavel que, reconhecida a irregularidade da publicação, taes felicitações se trouxessem a público.

3.º — Se a «declaração de que o auctor se sujeita ao juizo da Santa Madre Igreja» bastasse para

# A Restauração

satisfazer à prescrição do direito e para dar livre trânsito a um livro entre cathólicos, facillimo seria a qualquer livre-pensador ou herege metter nas mãos dos crentes as mais errôneas e detestaveis publicações. Por isso não basta que o auctor se sujeite: é preciso que se tenha sujeitado antes de dar o livro a público.

4.º—A carta do Ex.º Bispo do Porto, bem interpretada, é o que ha de mais correcto; mas é uma nova, embora muito delicada, condemnacão da irregularidade a que nos referimos. O sr. Dr. Abundio disse ao illustre Prelado que «desejava a approvaçãõ canonica» para o seu livro; o sr. D. Antônio louvou «os seus bons desejos», mas disse que a commissão censora não podia examinar provas que «ainda não estavam promptas»; portanto não concedeu a approvaçãõ canonica. E o sr. Dr. Abundio, tomando os seus desejos por approvaçãõ do superior, lá foi publicando o livro sem ella. Nada mais simplez...

Por tudo isto se vê que a falta committida pelo erudito escriptor foi maior do que se podia suppor: foi verdadeiramente consciente e reflectida.

Através de tudo isto vizlumbra-se mais alguma coisa, que por enquanto julgamos dever deixar em silencio.

## A rir...

Quando eu era creancita gostava muito de ouvir historias e contos da Carochinha.

Nas noites frias de inverno, emquanto o vento furioso, investindo com a chaminé da minha casa, soltava gemidos, que eu acreditava serem de almas penadas, e a chuva tamborilava nos vidros das janellas, eu, transido de medo, fa aninhar-me, muito quieto, muito meigo, junto da minha avósinha, uma santa velhinha, que, enovelada na sua velha poltrona collocada proximo do fogão, fazia meia movendo, com uma agilidade e certeza, pasmosas na sua idade, os seus dedos magros e nodosos, brancos como a neve dos seus cabellos.

Parece-me que estou vendo ainda a boa creatura, muito pequenina, muito magrinha e branca, com um meigo sorriso eterno nos seus labios de pergaminho, uma pesada luneta de myope na ponta do narizito afilado, por detrás do qual brilhavam, com a luz da mocidade, dois olhos vivos em que se retratava limpídamente a santidade daquella alma toda de amor e carinho!

E eu, que durante o dia não cessara de fazer travessuras, aquella hora, depois do chá, lá estava muito meigo, muito acariciador, fingindo muito juizo, sentadinho alli, aos seus pés, á espera que os seus labios parassem de rezar, para lhe pedir um conto!

E ella sabia tantos e tam bonitos! Era a Gatta borralheira, a Bella, o João pequenote, o Gallinho pimpão, que sei eu!

Eram tantos! Historias de meninos malfazejos que as bruxas levavam através de precipícios e de meninos bons e amiguinhos da sua avósinha, que os anjos velavam durante o somno e cobriam com as suas asas diaphanas...

Que maravilha de contos!  
E eu ouvia, ouvia, e o somno não chegava!

Mas quando a espartina era grande, minha avó tinha um meio para me adormecer.

Prompto! dizia ella; agora vamos rezar as orações da noite. E eu sentia logo pezarem-me as palpebras...

A boa velhinha ia dizendo e eu repetia, numa voz que ia enfraquecendo gradualmente... E ella espartava-me com meiguice até chegar ao *Padre Nosso por alma do avosinho*...

Mas então era fatal!... pendia-me a cabeça sobre os joelhos da

avósinha e ao... não nos deixeis, Senhor, cair... caia eu, como uma pedra, em somno profundo!  
Com que saudade recordo esse tempo!

Entre os mil contos da inexgotavel colleccão de minha avó, havia um que era assim:

«Era uma vez um gallo muito bonitinho, muito elegante e vivo, de plumagem dourada, crista romana e penna real tam airosamente lançado, que era o encanto da numerosa tribu alada que povoava o aviario duma quinta, em cujas immediacões havia muitas raposas e outros bichos que comem as aves.

Quando o nosso gallo era ainda franganote, tinha um pae, que, já se vê, era tambem um gallo de raça, que fazia a inveja dos donos das quintas proximas.

Forte e corpulento, armado de rijos esporões, tinha uma voz de estentor e, quando elle cantava ao romper dalva todos acordavam na quinta e cada um ia ao seu trabalho, como é costume nos campos.

Valente como era e contando com o amor e sympathia dos seus subditos, vivia e passeava desconfiado percorrendo sem desconfiança os campos vizinhos.

Disseram-lhe um dia uns gansos, que sam muito finos, que dentro da quinta havia raposas e tigras e que tivesse cautella, não andasse assim desprevenido por entre a floresta.

Elle, porém, que era leal e valente e tinha a consciencia de ser amado, não fez caso do aviso. Se até alli era temerario, mais o foi nos dias seguintes.

Mas um dia, um bello dia de sol, em que regressava de passear com os filhos, foi assaltado pelas feras de cuja existencia duvidava e trucidado juntamente com o filho mais velho!

De modo que o nosso bonito gallo da historia era orphão e os seus subditos, escarmentados, com o desgraçado fim do pae e do irmão, não consentiram mais que o jovem gallo saísse da capoeira sem ir bem acompanhado e guardado, por causa das feras.

Ora aconteceu que as raposas viram assim mallogrado o seu projecto de comer o último gallo da ninhada e deram por paus e por pedras!

E' sabido que as raposas sam muito manhosas e têm arteirices capazes de enganar o mais sabido.

Esconderam-se nas escuras tocas que existem na quinta e sem darem signal da sede de sangue que as devorava, começaram a fazer propaganda de paz universal entre os diversos animaes.

Nem patos, nem perús, nem faisões acreditaram na perlenza de certas *funhas* que, de combinaçãõ com as raposas apregoavam paz e harmonia.

O nosso gallo, que foi eleito rei do aviario, nunca mais saiu do seu poleiro sem uma boa guarda de gansos.

Lembraram-se as raposas de empregar a sua arteirice e começaram a querer seduzir o rei com bonitas palavras.

Num dia que a cõrte estava toda no pomar a gosar do bom sol, os gansos deram o signal de alarme.

Tinham avistado as raposas.

O nosso gallo e a cõrte treparam rapidamente para uma arvore onde as raposas não podiam chegar.

Appareceu então um raposo gordo, anafado, com ares de conselheiro pacato e contrastado pelos acontecimentos, o qual, vendo a altura a que o gallo estava, falou desta maneira:

«Oh, jovem e querido gallo, eu lamento profundamente que andeis tam mal aconselhado a ponto de ter medo de tudo e de todos!

Aqui onde me vêdes, eu venho em nome de toda a bicharada an-

nunciar-vos que raiou uma epoca de paz e concordia entre todos os animaes.

D'oravante nada tendes a temer e é até uma vergonha que vos rodeeis de tantas precauções.

Somos todos irmãos. Descei e vinde para junto de mim; eu e os meus semelhantes queremos beijar-vos os pés como protesto da nossa amizade. Vereis como uma raposa sabe ser amiga leal.

Não me acreditaes? Pois sabeji que Jupiter mandou do Emyreo uma ordem para que não haja mais guerra entre os animaes e que sejamos todos irmãos e amigos.

Vinde para baixo se quereis que vos mostre a ordem de Jupiter!»

Neste momento, ao portão da quinta chegava o dono, que regressava da caça, acompanhado de dois bellos galgos.

Logo que o gordo raposo viu o caçador e os cães, ó pernas!.. Não corria, voava! com os galgos no encalço.

Então, do alto da arvore, gritava-lhe o gallo:

Não fujas, bom raposo, mostra-lhe a ordem, mostra-lhe a ordem!

Mas isso mostrava elle!»

Ora querem saber os meus leitores, porque, passados tantos annos, recordo este conto da minha saudosa avó?

E' por que, sempre que o nosso jovem Rei, cujo pae foi victima das feras em que não acreditava, saí guardado por um esquadrão de cavallaria,—como aliás se pratica em todas as nações monarchicas e republicanas—apparecem certos jornaes a gritar enfurecidos uns contra o facto e a aconselhar outros com palavras mellifluas, que deixem El-Rei andar só por entre o bondoso povo da capital, que o ama e estima, etc., etc.

Entre estes conselheiros ha um que se salienta nas cartas de Lisboa para o «Janeiro».

Parece ás vezes sincero; mas, *sic valeas!*

Se um dia do Juizo de Instrucção criminal saísse o caçador com os galgos... eu queria ver varios raposos, que prégam paz e harmonia, a caminho de Salamanca, a todo o vapor, e gritar-lhes na estrada:

*Mostrem-lhe a ordem!*  
Simplicio.

## Leitura amena

### A VISÃO DE MIRZA

(Conclusão)

Eu demorei-me algum tempo na contemplaçãõ desta maravilhosa estrutura, e da grande variedade de objectos que ella apresentava. O meu coração encheu-se duma profunda melancolia ao ver caírem tantos inesperadamente no meio da alegria e satisfacão, e lançando a mão a tudo o que eu olhavam, para se salvarem. Uns olhavam para os ceus em postura pensativa, e no meio da meditacão, tropeçavam e desapareciam da vista. Outros, em grande numero, occupavam-se muito de bagatellas que lhes fascinavam os olhos e dansavam deante delles; mas quando elles se julgavam a ponto de as attingar, faltava-lhes o terreno e enterravam-se para o fundo. Nesta confusãõ lubriquei uns, de cimitarta em punho, e outros com cacetes que corriam de um lado para o outro na ponte, empurrando varias pessoas para alçapões que não pareciam estar-lhes no caminho e poderiam ter evitado se assim não tivessem sido impellidos para elles.

O genio, vendo-me dominado desta melancolica visãõ, disse-

me que eu tinha residido nella bastante tempo. «Tira da ponte os olhos» disse elle «e dize-me se vêes ainda alguma coisa que não comprehendas». Levantando a vista, disse: «Que significam aquelles grandes bandos de passaros que permanentemente pairam em volta da ponte e nella poisam de tempos a tempos? Vejo abutres, harpias, corvos, corvos marinhos e, entre muitas outras aves, varios rapazinhos alados que poisam em grande numero nos arcos do meio». «Estes» disse o genio «sam a Inveja, a Avareza, a Superstiçãõ, o Desespêro, o Amor e outros cuidados e paixões semelhantes que que infestam a vida humana».

Aqui eu soltei um profundo suspiro. «Ah!» disse eu, «debalde foi creado o homem!... como é abandonado à miseria e à mortalidade!... torturado na vida e devorado na morte!» Movendo-se o genio compassivamente para mim, mandou-me deixar tam desconsoladora perspectiva. «Não olhes mais» disse elle «para o homem no primeiro periodo da sua existencia, na sua partida para a eternidade, mas lança os olhos para aquella densa nebrina em que a corrente leva as varias gerações de mortaes que nella caem». Eu dirigi a vista como me era ordenado, e (ou porque o bom genio a robustecesse com alguma força sobrenatural, ou porque dissipasse parte da nebrina que estava deante, demasiado espessa para poder ser devassada pela vista) vi o valle abrir na outra extremidade e alargar-se num immenso oceano que tinha um enorme rochedo de diamante que no meio delle corria e dividia em duas partes eguaes. Ficaram ainda nuvens numa metade delle de maneira que eu nessa parte não via coisa alguma; mas na outra apresentava-se-me um vasto oceano semiado de innumraves ilhas que estavam cobertas de frutas e flôres e entrelaçadas de mil pequenos mares brilhantes que corriam entre ellas. Consegui ver pessoas vestidas de habitos soberbos, com grinaldas nas cabeças, passeando por entre as arvores, deitando-se junto das fontes, ou repousando em camas de flôres, e pude ouvir uma harmonia confusa de passaros a cantar, aguas sussurrantes, vozes humanas e instrumentos musicos. A alegria augmentava em mim por descobrir uma scena tam agradável. Eu suspirava por asas de aguia para poder voar aquellas felizes mansões, mas o genio me disse que não se podia passar para ellas senão pelos portões da morte que eu, via abrirem-se a todos os momentos na ponte.

«As ilhas» disse elle «que jazem tam frescas e verdes deante de ti, e com que toda a superficie do oceano parece sarapintada até onde tu podes ver, sam mais em numero do que as areias da praia; ha myriades de ilhas para além das que tu daqui enxergas, estendendo-se mais do que a tua vista e ainda mesmo do que a tua imaginaçãõ podem attingir. Sam ellas as mansões dos justos depois da morte, os quaes segundo o grau e especie de virtude em que se salientaram, sam distribuidos por estas varias ilhas que abundam de prazeres de diferentes especies e graus, proporcionados aos gostos e perfeições daquelles que nellas habitam. Cada ilha é um paraíso accomodado aos seus respectivos habitantes. Não sam estas habitacões, ó Mirza, dignas de que por ellas se trabalhe? Parece-te miseravel a vida que offerece oportunidade de ganhar uma tal recompensa? E' caso para se temer a morte que te transportará a uma tam ditosa existencia? Não penses que o homem foi debalde creado, elle que para si tem reservada uma tal eternidade». Eu contemplei com inexprimivel prazer estas abençoadas ilhas. «Finalmente» disse eu «mostrame agora, te rogo, os segredos

que estão occultos debaixo daquellas escuras nuvens que cobrem o oceano do outro lado do rochedo de diamante». Não me tornando o genio resposta, voltei-me para elle segunda vez, mas reconheci que elle me tinha deixado. Eu então voltei-me outra vez para a visãõ que tinha contemplado tanto tempo, mas em vez da corrente, da ponte arqueada e das felizes ilhas, eu não vi senão o longo valle amarello de Bagdad com bois, ovelhas e camelos passeando nas suas encostas.

## Anecdotas históricas

CLV

*Alexandre o Alexandre*. — Nada mais bonito do que um homem de caracter, um homem que é o que professa ser, um homem que faz corresponder as acções ao nome; e nada mais indigno do que fazer alarde de títulos nobres para disfarçar acções ignobres. Os que isto fazem deviam ouvir o conselho de Alexandre. Conta-se de Alexandre Magno que, sendo-lhe um dia apresentado um pirata famoso pelas suas façanhas de bandoleiro, o grande conquistador lhe perguntou como se chamava. «Chamo-me Alexandre» respondeu o pirata.— Pois tens de mudar ou de nome ou de profissão» respondeu o heroe.

F.

## Curiosidades

### Pae e avô de soberanos

O rei da Dinamarca Frederico VII, divorciado de duas mulheres e casado morganaticamente com a condessa Danner, não conseguira de nenhuma dellas um filho, como dos ducados de Sleswig-Holstein quasi não conseguia paz e submissãõ. Em 1852 um tratado de Londres entre as grandes potencias designou como successor do throno de Dinamarca um principe do ramo segundo de uma familia ducal, Christiano de Sleswig-Holstein-Sonderburgo-Glucksburgo, talvez por ser casado com uma prima do rei Frederico VII.

Deste casamento tinham Luisa de Hesse e Christiano de Glucksburgo tres casaes de filhos, educados perfeitamente e que o pae procurou matrimoniar o melhor possivel.

Alexandra, a filha mais velha, casou em 10 de março de 1863 com o principe de Galles, que hoje reina em Inglaterra. O anno era uma data venturosa, pois em 6 de junho era Guilherme, o filho segundo, eleito rei dos hellenos, e ainda hoje reina na Grecia com o nome de Jorge I. Em 15 de novembro subia Christiano IX ao throno dinamarquês, embora perdendo pouco depois numa guerra os sublevados ducados do Sleswig-Holstein.

A segunda filha, Dagmar, casou em 9 de novembro de 1866 com o czarwich que veio a ser Alexandre III, imperador de todas as Russias. Ao abraçar a religião orthodoxa russa tomou o nome de Maria Feodorowna.

O principe herdeiro da Dinamarca, Frederico, casou em 1869 com a princesa Luisa, filha unica de Carlos XV, rei da Suecia.

A filha mais nova, Thyra, veio a casar em 1878 com o duque Ernesto de Cumberland, filho do ultimo rei do Hanover e primo dos reis ingleses.

O filho mais novo, Waldemar, casou com Maria de Orleans, filha do duque de Chartres e prima co-irmã da rainha D. Amelia de Portugal.

Christiano, que tivera em 63 o

seu anno feliz e que, antes de si, vira inesperadamente um filho rei, só aos 63 annos viu, em 1881, subir ao throno a segunda das filhas a quem angariara uma corôa a czarina da Russia Maria Feodorowna. Depois viu o neto, actual czar, succeder em 1894 ao pae despedaçado por uma bomba.

A filha mais velha, a que primeiro e melhor casára, só aos 83 annos a viu subir ao solio inglês, quando a rainha Victoria succumbiu em Osborne, aos 22 de janeiro de 1901.

Uma surpresa esperava ainda o velho pae e avô de soberanos. Separada a Noruega da Suecia era eleito a 18 de novembro de 1905 rei daquelle pais seu neto Carlos, filho segundo do seu primogenito, e neto tambem do rei Carlos XV, antecessor de Oscar II no throno sueco e norueguês. Assim via mais dois netos coroados: Carlos, que passou a chamar-se Haakon VII e sua esposa Maud, filha da sua filha Alexandra, rainha da Inglaterra.

Era tempo, e a 20 de janeiro de 1906 o velho respeitavel e sympathico Christiano IX legava a propria corôa ao seu filho Frederico VIII, deixando dois filhos e uma filha, dois netos e uma neta sentados em thronos e outra filha czarina viuva, e tendo-os pouco antes reunido todos á sua mesa, como augusto e amado patriarcha.

Carlos de Araujo.

## Noticiario

### Igrejas a concurso.

— Foi mandado abrir concurso documental para provimento das seguintes igrejas parochiaes pertencentes ao concelho de Barcellos:

Santa Maria da Igreja Nova, cuja lotação é de 214.000 reis, sendo passal e fóros 154.000 e pé de altar 60.000.

S. Thiago de Encourados, cuja lotação é de 146.980 reis, sendo passal e fóros 62.000, pé de altar 38.980 e derrama 40.000.

S. Julião da Silva, cuja lotação é de 126.020 reis, sendo 9.000 de passal e fóros, 64.000 de pé de altar e 53.020 de derrama.

Santa Leocadia da Tamel, lotada em 115.880 reis, sendo passal e fóros 68.500, pé de altar 20.000 e derrama 27.380.

S. Thiago de Villa Sêcca, que está lotada em 139.950 reis, sendo passal e fóros 9.000, pé de altar 34.800 e derrama 31.950.

Tambem está a concurso a igreja parochial de S. João Baptista de Castellões, deste concelho, devendo terminar o prazo no dia 29 do corrente.

### Distribuição de premios.

— No proximo domingo, 23 do corrente, tem lugar nos vastos salões da Ordem Terceira de S. Francisco, desta cidade, a solemne distribuição de premios aos alumnos que mais se distinguiram nos seus estudos durante o periodo de 1908-1909, nas escolas daquella Veneravel Ordem.

Como de costume será uma festa atrahente e sympathica, como o devem ser sempre as festas que se promovem para galardoar os trabalhos da infancia estudiosa.

**Santo Amaro.**—Realizou-se hontem, na freguesia de S. Vicente de Mascotellos, deste concelho, a importante feira annual de Santo Amaro.

Foi muito concorrida, realizando-se bastantes transacções. Nesta feira é de uso ficar indicado o preço do gado para todo o anno.

Hoje realiza-se a solemneidade religiosa, com missa cantada, sermão e procissão, e de tarde arraial, a que costuma concorrer muita gente desta cidade e freguesias circumvizinhas.

### Medida acertada.

O inspector da policia administrativa de Lisboa fez prevenir as empresas animatographicas do inconveniente que ha de nos espectaculos onde concorrem creanças, se exhibirem fitas que não primam pela moralidade nem pelo fim educativo, dando uma pessima educação aos espiritos juvenis e por uma forma que ellas facilmente assimilam e aprendem. Em *matinées* ou espectaculos onde concorrem creanças devem ser banidas as fitas cujo assumpto se baseie em assassinatos, roubos e coisas semelhantes.

Muito bem entendido.

### Ordens postaes.

— Entrou no dia 1 do corrente em vigor o novo regulamento para o serviço de permutação de fundos por meio de ordens postaes, o qual comprehendê, além dos valores de correio e telegraphicos, as ordens postaes destinadas ás remessas de pequenas quantias.

As ordens postaes serão de valor fixo não superiores a 5.000 reis pagaveis ao respectivo destinatario, sendo creadas ordens dos valores de 100, 200, 500, 1.000, 3.000, 4.000 e 5.000 reis.

As ordens até 500 reis pagam, por meio de sellos timbrados, além do valor facial a restituir ao seu possuidor, 20 reis; as de 1.000 reis a 3.000 reis, 30 reis; e as de 3.000 reis a 5.000 reis, 40 reis.

### Seminario-Lyceu.

A gentileza do Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Dr. Manuel de Jesus Pimenta, muito digno Reitor do Seminario-Lyceu Nacional desta cidade, devemos a remessa de um exemplar do *Anuario* daquelle importante estabelecimento de educação e ensino, relativo ao anno escolar de 1908-1909.

Por esse documento se vê que este estabelecimento continua a manter os seus créditos de instituto modelar, devidos á competencia do seu corpo docente e ao zelo do seu digno Reitor.

Os nossos agradecimentos.

### Festa de S. Sebastião.

— Realiza-se no proximo dia 20, com toda a solemneidade, a festividade de S. Sebastião, no templo de S. Damaso, promovida pela respectiva irmandade em cumprimento do que preceituam os seus estatutos.

Constará de missa cantada a grande orchestra e sermão pelo rev. José Fernandes Guimarães, Reitor de Fermentões.

De tarde sairá uma imponente procissão, que percorrerá o itinerario do costume.

### Associação Commercial.

— Não tendo comparecido hontem numero legal de socios, deve reunir hoje, pelas 11 e meia horas da manhã, a assembleia geral da Associação Commercial desta cidade, a fim de se dar cumprimento ao disposto no n.º 1 do art. 7.º dos Estatutos—apresentação de contas e nomiação de uma comissão de três membros para sobre ellas dar o seu parecer.

### Novena.

— Principiou antehontem a novena que precede a solemneidade que em honra do glorioso martyr se realiza no dia 23 do corrente, na igreja parochial de S. Sebastião (Dominicas).

E' feita a grande orchestra, com praticas, que foram confiadas aos revs. Abbade Laurentino José Dias, Francisco Silva e Gaspar Roriz.

**Calendario.**— Da Companhia de Seguros «Garantia» e por intermedio do seu agente nesta cidade o snr. João Gualdino Pereira, recebemos um calendario parietal, cuja offerta agradecemos.

### Notas falsas.

— Informam-nos de que é avultado o numero de notas falsas de 5.000 reis que circulam em Lisboa, como de resto em todo o pais.

E' necessario muito cuidado, porque ellas são perfectissimas, illudindo o mais prespicaz, e não é só o prejuizo para o portador de uma nota falsa que a apresenta na melhor boa fé; isso seria o menos; mas ha mais e peor: são os incommodos e vexames a que fica exposto.

### Juros das inscripções.

— Baixou ordem superior ao snr. delegado do thesouro do districto para não ser reduzido, nos juros das inscripções, os descontos que é costume serem feitos aos parochos cujo rendimento da respectiva parochia seja inferior a 400.000 reis annuaes.

### Fallecimentos.

— Contando 28 annos de idade e victimado pela tuberculose, falleceu na madrugada de 10 do corrente o snr. Fernando de Vasconcellos Fernandes, filho do snr. João José Fernandes Guimarães, cunhado do snr. José de Freitas Costa Soares e primo do snr. Abel Cardozo.

Os seus funeraes realizaram-se no dia 11, pelas 3 horas da tarde, na capella do cemiterio, com numerosa e selecta assistencia de amigos do fallecido e de sua familia.

Devido a uma infecção, proveniente dum mau parto, falleceu na manhã do dia 6 do corrente, na freguesia de Castellões, deste concelho, a snr.<sup>a</sup> D. Alexandrina Peixoto de Oliveira e Castro, esposa do snr. José da Silva, professor official na dita freguesia.

Os officios de corpo presente, que tiveram lugar no dia 7, estiveram concorridissimos.

A finada, que contava apenas 31 annos, deixou um filhinho na tenra idade de 8 dias.

Falleceu no Pará, Brazil, o snr. Manuel Anacleto, pintor, filho do snr. Domingos Anacleto, desta cidade.

Egualmente falleceu quinta-feira, em Lisboa, a snr.<sup>a</sup> D. Livia Schindler, sogra do snr. Conselheiro João Franco, antigo deputado por Guimarães.

A's familias enlutadas os nossos sentidos pèzames.

### Camara Municipal.

— A camara municipal, em sua ultima sessão, deliberou auctorizar o snr. presidente, ou quem suas vezes fizer, a mandar processar e pagar todos os meses até ao fim do corrente anno os vencimentos do pessoal municipal e administrativo—policia civil, professorado do Lyceu e demais pessoal deste estabelecimento—bem como os salarios de character permanente e annual, consignados no respectivo orçamento ordinario.

Foi presente a conta do fornecimento de energia electrica para a illuminação publica da cidade, durante o quarto trimestre do anno findo de 1909, na importancia de 1:275.300 reis; a camara mandou com vista ao snr. vereador

do pelouro respectivo, conjunctamente com os processos das multas applicadas durante aquelle trimestre, para dar parecer, a fim de ordenar o pagamento.

Auctorizou o pagamento da quantia de 5.720 reis a Alfredo Antonio da Silva, pelo trabalho de reparação e melhoramento do pontilhão de Talhós, sito na freguesia de Santa Maria do Souto.

O snr. vice-presidente informou a camara de que o saldo fechado em 31 de dezembro findo era de 18:305.311, a saber: Em conta geral do municipio, reis 2:517.390; em conta do fundo de viação classificada, 895.858 reis; em conta do emprestimo de viação, 5:601.606 reis; em conta do emprestimo custeado pela receita geral, 9:290.359 reis, do que a camara ficou inteirada.

Nos termos do paragrapho 2.º do artigo 62 do Cod. Adm., sob proposta do snr. vice-presidente, foi feita a distribuição pelos snrs. vereadores dos serviços do municipio, a saber: Fazenda, instrucção, aguas, incendios, conego Alberto da Silva Vasconcellos; Tappas e vogal da junta de congruas, Fernando Peixoto de Carvalho Amaral Pinto de Freitas; Mata-douro e baldios municipaes, Manuel Joaquim da Cunha; Illuminação, viação e obras, dr. João Rocha dos Santos; Vizella e hygiene, dr. Joaquim Torres; Limpeza da cidade, feiras e mercados, Joaquim Pereira Mendes; Cemiterio, jardins e arvoredos, Gaspar Ribeiro da Silva e Castro; Expostos e policia urbana, Domingos Leite Correia Azenha.

### Expediente.

— O presente n.º de *A Restauração* é enviado a todos os seus antigos assignantes e a diversos outros cavalheiros que julgamos de boas crenças e de quem muito tem a esperar a causa que defendemos: *Religião e Patria*.

De uns e outros esperamos a sua valiosa cooperação; mas se porventura nos enganarmos nas nossas supposições e alguns não queiram auxiliarnos com o valioso concurso da sua assignatura, muito obsequiam esta empreza fazendo-no-lo devolver com a possivel brevidade.

Aos snrs. assignantes que ainda se acham em divida das suas assignaturas desejamos dever a caridade de as mandarem satisfazer, na certeza de que, embora cumpram um dever, nós lhes agradeceremos extremamente reconhecidos.

A todos os snrs. assignantes que, durante o mês corrente, mandarem satisfazer o anno de 1910, offerecemos como brinde um exemplar de qualquer dos livros que temos editado, á sua escolha.

## Caridade

Recommendamos ás almas bemfazejas a infeliz Anna da Silva, tuberculosa, moradora na rua da Arcella, junto á capella de Santo Antonio.

## Agradecimento

Completamente restabelecido dos meus ultimos incommodos, venho

patentear o meu profundo reconhecimento ao abalizado clinico e meu dedicado amigo, ex.<sup>mo</sup> snr. Dr. Antonio Baptista Leite de Faria, pela forma carinhosa como me tratou, em que havia, a par da sua reconhecida proficiencia como medico distinctissimo, o meticulouso cuidado de amigo bom e dedicadissimo.

Agradeço tambem a todas as pessoas que se dignaram visitar-me ou que por qualquer forma se interessaram pelo meu estado de saude.

A todos o meu profundo reconhecimento.

Guimarães,

14—1—1910.

Francisco Pereira Simões

## ANNUNCIOS

### Arrematação

1.ª publicação

No dia trinta do corrente mês, ao meio dia, á porta do tribunal judicial desta comarca, sito na rua das Lamellas, desta cidade, hade proceder-se, em hasta publica, á arrematação do predio abaixo mencionado, o qual será entregue pelo maior lanço offerecido e foi penhorado na execução por credito hypothecario instaurada por Joaquim José Corrêa, casado, carpinteiro, do logar da Boa-Vista, freguesia de Freamunde, contra Manuel da Costa Santos, e sua mulher Rosa dos Santos, proprietarios, do logar de Athaide, freguesia de Lordello, desta comarca de Guimarães, a saber: — uma propriedade composta de casas terreas, parte telhadas, e terras de horta, divididas por socalco, com arvores novas de vinho e fructa, situada no logar de Athaide, da dita freguesia de Lordello. E' de naturêza de prazo, foireira a Manuel de Araujo e sua mulher Leopoldina Ferreira de Lima, daquella freguesia, a quem se paga o fóro annual de tres mil e quinhentos réis, livre de todos os impostos para os senhorios, e avaliada, com deducção do mesmo fóro, na quantia de 110\$000 réis.

Ficam citados quaesquer creadores incertos.

Guimarães, 7 de Janeiro de 1910.

Verifiquei a exatidão.

O Juiz de Direito,

P. de Rezende.

O escrivão do 4.º officio,

João Penafort Lisboa.

# ATELIER DA MODA—DE OLIVEIRA RORIZ

Rua dos Terceiros—GUIMARÃES

Estação de inverno. Chapeus para senhoras e creanças, segundo os ultimos figurinos de Paris. Exposição permanente. Variadissimo sortido Colletes de espartilho do Atelier portuense "A PRINCEZA,,

PREÇOS MODICOS.

## Bibliotheca religiosa

Obras editadas pela empresa de "A RESTAURAÇÃO" e á venda na Typ. Minerva Vimaranesse — Rua de Payo Galvão — Guimarães.

### Recordação dos meus estudos

Pelo auctor do *Método para formar a infancia na piedade*. Accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.<sup>mo</sup> Arcebispo Primás.  
1.<sup>a</sup> série—Um vol. de 46 páginas em 4.<sup>o</sup>:  
Preço ... .. 50 reis  
Pelo correio ... .. 60 "  
2.<sup>a</sup> série—Um vol. de 50 páginas em 4.<sup>o</sup>:  
Preço ... .. 50 reis  
Pelo correio ... .. 60 "

### Os beneficios da confissão

Por F. J. d'Ezerville, accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.<sup>mo</sup> Arcebispo Primás.  
Um vol. de 60 páginas em 8.<sup>o</sup>:  
Em brochura ... .. 50 reis  
Cartonado ... .. 100 "  
Franco de porte.

### Officio da Immaculada Conceição

Texto portuguez, com approvação ecclesiastica.  
Um folheto de 32 páginas, em bom papel:  
Preço ... .. 20 reis  
Pelo correio, por cada 5 exemplares ... .. 10 "

### As Bem-aventuranças evangelicas

#### Postas ao alcance de todos

Pelo Padre Deville, Doutor em theologia. Traducção do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.<sup>mo</sup> Arcebispo Primás.  
Um vol. de 64 páginas em 8.<sup>o</sup>:  
Em brochura ... .. 50 reis  
Cartonado ... .. 100 "  
Franco de porte.

### Conselhos sobre a educação

Segundo o Veneravel Sarnelli. Accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.<sup>mo</sup> Arcebispo Primás.  
Um vol. de 112 páginas em 8.<sup>o</sup>:  
Em brochura ... .. 100 reis  
Cartonado ... .. 160 "  
Franco de porte.

Por que não haveis de commungar todas as manhãs em que ides á missa?

Opúsculo altamente louvado por sua Santidade Pio X e traduzido pelo Padre José Lopes Leite de Faria, Professor no Seminario-Lyceu de Guimarães. 2.<sup>a</sup> edição auctorizada pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. Arcebispo Primás.  
32 paginas, em 8.<sup>o</sup>  
Preço avulso **30 rs.** franco de porte.  
Para propaganda, por cada 10 exemplares, remetidos pelo correio, 225 reis. Sendo o pedido de 100 exemplares, inclusivé, para cima, faz-se o preço de 20 reis cada um, franco de porte.



OFFICINA DE ENCADERNAÇÃO, PAPELARIA E LIVRARIA

—DE—

Antonio Luis da Silva Dantas

Rua de Payo Galvão—Guimarães

Na officina typographica, montada com cerca de 240 collecções de typos, machinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, taes como: obras de livro e jornaes de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e obito; circulares, memoranduns, facturas, enveloppes e todos os demais impressos para commercio; mappas, mandados de pagamento, talões e varios outros impressos para repartições publicas civis, ecclesiasticas e militares; rotulos para pharmacia; etiquetas para fabricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programmas e bilhetes para espectaculos, etc., etc.  
Impressões a côres, ouro, prata e chromotypographia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS

Na Officina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material vindo expressamente do estrangeiro e pessoal habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papeis almaços, finos e de impressão, nacionaes e estrangeiros, objectos de escriptorio, caixas de papel de phantasia em diversos formatos, livros em branco, para commercio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos chimicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondencia directa com os mais habéis gravadores e fabricantes.

## PREÇOS RASOAVEIS

Trabalhos perfeitos e rapidos

## OUTRAS OBRAS DIVERSAS

Vida de S. Luis Gonzaga  
Modelo e protector da mocidade catholica  
Um vol. de 50 páginas, com uma linda capa illustrada que o torna recommendavel para premios á juventude:  
Preço ... .. 30 reis  
Pelo correio ... .. 35 "

### Burgueses e operarios

Dialogo entre um socialista e um homem de bem

(Versão do francez)

Um volume de 118 páginas em formato elegante:  
Preço ... .. 80 reis  
Pelo correio ... .. 90 "

### Nem de mais nem de menos

Romance moral humoristico, por Dorothea de Boden. Versão do francez por Brites de Almeida.  
Um vol. de 108 páginas, em 8.<sup>o</sup>:  
Preço ... .. 50 reis  
Pelo correio ... .. 60 "

### Izabel

Por Dorothea de Boden. Versão do francez por Brites de Almeida.  
Um volume de 156 páginas, em 16.<sup>o</sup>:  
Preço ... .. 50 reis  
Pelo correio ... .. 60 "

### A Dictadura

Por Joseph Viand, Ensaio de philosophia social.  
Um volume de 116 páginas, formato elegante:  
Preço ... .. 250 reis  
Pelo correio ... .. 270 "

### O almocreve das petas

Por Spiritus Asper.  
1.<sup>o</sup> vol., com 128 páginas, em 8.<sup>o</sup>:  
Preço ... .. 80 reis  
Pelo correio ... .. 90 "

Todas as requisições devem ser dirigidas a Antonio Luis da Silva Dantas e acompanhadas da respectiva importancia, em estampilhas de 25 reis ou vale postal, sem o que não serão attendidas.

## ALEM DOS LIVROS MENCIONADOS HA MAIS:

### Bilhetes postaes illustrados

Colloridos, e em preto, variedades de gostos e preços modicos. Collecções da estancia thermal de Vizella composta de 14 exemplares, com 17 vistas escolhidas, optimo cartão e nitida impressão, a 150 reis.

### Bilhetes postaes de propaganda religiosa

Com diversas imagens. Preço de cada um, 5 réis.  
Em series de 20 ou mais exemplares, sortidos, faz-se a remessa franco de porte.

## A RESTAURAÇÃO

SEMANARIO CATHOLICO

## O Coração de Jesus

SEGUNDO A DOCTRINA

DA

Beata Margarida Maria Alacoque por um oblato de Maria Immaculada, capellão de Montmartre.

Traducção de R. F.

Introducção do Padre J. S. Abranches

Pedidos á Administracção do *Novo Mensageiro*, Rua do Quelhas, 6, Lisboa.  
Preço: um volume de 316 páginas, largamente illustrado, 300 reis; pelo correio, 340 reis.

## A RESTAURAÇÃO

SEMANARIO CATHOLICO

Ex.<sup>mo</sup> Snr.

### Preço da assignatura

(PAGAMENTO ADIANTADO)

### Preço das publicações

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Anno ... ..	1\$300 rs.	Anuncios e communicados, linha	40 rs.
Semestre ... ..	650 "	Repetição, por linha	20 "
Trimestre ... ..	350 "	Reclamos, até 5 linhas	100 "
Numero avulso ... ..	30 "		

Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Antonio Luis da Silva Dantas, director e administrador de *A Restauração*.